

CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO - UNILEÃO
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

ANDREIA MOTA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA EM
TEMPOS DE CRISE FINANCEIRA**

JUAZEIRO DO NORTE – CE
2019

ANDREIA MOTA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA EM
TEMPOS DE CRISE FINANCEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade *Artigo Científico*, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Contábeis, do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO, para a obtenção do grau de Bacharel.

Orientador(a): Prof^a Ms Ana Marília Barbosa de Oliveira

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2019

ANDREIA MOTA DA SILVA


**A IMPORTÂNCIA DA DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA EM
TEMPOS DE CRISE FINANCEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade *Artigo Científico*, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Contábeis, do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO, para a obtenção do grau de Bacharel.

Orientador(a): prof^a Ms Ana Marília Barbosa de Oliveira

Data da Aprovação: 02/07/2019

BANCA EXAMINADORA



Prof^a Ms. Ana Marília Barbosa de Oliveira
Orientadora
Centro Universitário Doutor Leão Sampaio



Prof^a Esp. Tays Cardoso Dias
Membro 1
Centro Universitário Doutor Leão Sampaio



Prof Esp. Samara Romão da Costa Facundo de Oliveira
Membro 02
Centro Universitário Doutor Leão Sampaio

A IMPORTÂNCIA DA DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA EM TEMPOS DE CRISE FINANCEIRA

Andreia Mota da Silva¹
Ana Marília Barbosa de Oliveira²

RESUMO

Este trabalho, de cunho bibliográfico, teve como objetivo investigar qual a importância do fluxo de caixa em tempos de crise financeira para proteger as finanças das empresas. E como objetivos específicos averiguar o conceito de fluxo de caixa; analisar o fluxo de caixa como uma importante estratégia no crescimento financeiro das empresas; explicar os objetivos do fluxo de caixa; analisar modelos de fluxo de caixa. Para embasar a pesquisa foram utilizados autores como Campos Filho(1999); Marion (2012); Silva (2017); Assaf Neto (1997), entre outros que abordam sobre o tema escolhido. Chegou-se à conclusão de que as empresas que fazem a demonstração de fluxo de caixa tendem a crescer em seu setor financeiro e econômico, atestando sua continuidade e gerando lucros. Dito isto, analisa-se qual a importância dos fluxos de caixa em tempos de crise financeira e como essa ferramenta pode beneficiar as organizações, para fiscalizar os recursos de entrada e saída, tendo uma previsão do seu lucro que também pode ser denominado orçamento de caixa.

Palavras-chave: Fluxo de caixa. Crise. Tomada de decisão.

ABSTRACT

This work based on bibliography, which to investigate the importance of financial crisis to protect the finances of enterprises. And as specific objectives check out the concept of cash flow, analyze cash flow as an important strategy in the financial growth of companies; explain the objectives of the cash flow, analyze cash flow model. To support the research, authors such as Assaf Neto (1997), Campos Filho (1999), Marion (2012), Silva (2017), among others that approach on the chosen theme. It has come to the conclusion that companies that do the cash flow demonstration tend to grow in their financial and economic sector, attesting its continuity and generating profits. That said it examines the importance of cash flows in times of financial crisis and how tool can benefit organizations, to control entry and exit resources, having a forecast of the profit that can also be called cash budget.

Keywords: Cash flow. Crisis. Finance.

1. INTRODUÇÃO

Mediante grandes evoluções e transformações da tecnologia com as exigências da atual sociedade vem se originando diversas mudanças na economia mundial, impondo que as empresas revejam suas políticas de desenvolvimento, para que essas se enquadrem a nova

¹Graduanda em Ciências Contábeis no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. E-mail: andreia.motta2011@gmail.com.

²Orientadora Prof^ª. Me. em Desenvolvimento Regional Sustentável pela UFCA. Docente da Unileão. E-mail: marilia@leaosampaio.edu.br

realidade. Tendo, assim, um leque de desafios para a nova gestão no mundo dos negócios, movendo os gestores a repensarem e desenvolverem novas políticas para gerir suas organizações (GORENDER, 1996)

Em consequência dessas novas mudanças políticas, econômicas e sociais, as organizações têm procurado dar ênfase às informações gerenciais, o que se tornou elemento de suma importância para continuidade no mercado. A Lei 11.638/2007, que alterou a legislação societária brasileira, Lei 6.404/76, trouxe a obrigatoriedade da elaboração das demonstrações dos fluxos de caixa (DFC), tornando-se obrigatória para as companhias abertas e as de grande porte, que por sua vez veio substituir à Demonstração de Origens e Aplicações de Recursos (DOAR).

Por ser um dos principais relatórios contábeis e possuir maior abrangência em relação às informações para tomada de decisão de diversos usuários da contabilidade a DFC evidencia as diversas alterações que ocorreram no saldo de disponibilidades (caixa e equivalente de caixa) da entidade em determinado período, com base nos fluxos de recebimento e pagamento. Essa demonstração dar-se de duas formas: direta (com as alterações no caixa e equivalentes de caixa) ou indireta (de acordo com Lucro/Prejuízo do Exercício). Para ter uma linguagem unificada com as práticas internacionais a Demonstração do Fluxo de Caixa dispõem de três formas: fluxo das atividades operacionais, das atividades de financiamento e das atividades de investimento.

O presente estudo pretende investigar através da conceituação e apresentação das vantagens, desvantagens e modelos, qual a importância da demonstração do fluxo de caixa em tempos de crise financeira. Instrumento este, aparentemente simples de ser definido, todavia pode se tornar difícil caso não haja o empenho do gestor em controlá-lo. O usuário dessa demonstração tem uma visão do planejamento, da tomada de decisão e de como lidar com muitas das ações concernentes ao caixa. Justificando-se assim, o presente estudo que possibilitará a compressão destes aspectos.

Deste modo deixa de lado a acirrada competição por parte das empresas, destacando a necessidade de maior eficiência na gestão de seus recursos, entendendo assim a importância das demonstrações contábeis, no que diz respeito, a qualidade e confiabilidade das informações.

O estudo possui cunho bibliográfico que, segundo Severino (2007, p.122), é aquela que “se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em

documento impressos, tal como livros artigos, teses, etc. [...] o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”.

2. REFERENCIAL TEÓRICO:

2.1A CONTABILIDADE

A ciência contábil sempre esteve presente na vida das diversas sociedades, inclusive nas primitivas. Portanto, ela está firme ao contexto social, econômico e político das pessoas. No entanto, é importante esclarecer que a maioria dos estudiosos divide a Contabilidade em duas fases. A primeira delas corresponde à fase primitiva, que possui como principal característica a mesmice da sociedade, sem os avanços tecnológicos, atendendo assim a Contabilidade apenas a interesses mais individuais. Lopes (2006) aborda que ela era caracterizada principalmente pelo conservadorismo.

A segunda, explica Lopes (2006), só aconteceu após a Revolução Industrial, e com o avanço tecnológico, como a criação de novas máquinas, divisões de trabalho, o desejo do homem pelo crescimento das suas riquezas, entre outros. Segundo o mesmo autor, essa fase surgiu como uma demanda, além das novas tecnologias, mas também:

Crescimento das empresas em termos de tamanho e geográfico, pela necessidade de aporte de capital externo, e extensão do sistema de crédito, o que gerou para a contabilidade novas demandas. Nesse momento, amplia-se a necessidade por modelos contábeis que forneçam informações úteis para uma série de usuários, tanto interno quanto externos (LOPES, 2006, p. 20).

Em decorrência dessa segunda fase, a contabilidade passou a exercer uma nova função, com o objetivo de “permitir, a cada grupo principal de usuários, a avaliação da situação econômica e financeira da entidade, num sentido estático, bem como fazer inferências sobre as suas tendências futuras” (IUDICIBUS, 2000, p. 49). Isto é, percebe-se que a contabilidade tende a reduzir a distância de informações entre os gestores das empresas e os demais agentes, como também com seu público externo.

Essas informações contábeis, que tem utilidade para a previsibilidade de fluxos de caixa futuro, objetivam a confiabilidade. Para isso, ela deve ser “tempestiva e conseguir prever valor ou dar feedback de valor a ambos, auxiliando o usuário a fazer previsões, confirmar ou corrigir expectativas anteriores” (LOPES, 2006, p. 23). Em virtude do pensamento do autor mencionado anteriormente, é de grande importância saber quais as

informações mais utilizadas pelos gestores da empresa para que os mesmos tenham retorno nos investimentos, tomem decisões acertadas e saibam avaliar os fluxos de caixa, acerca do que será abordado no próximo item. O Fluxo de Caixa está prontamente ligado ao desempenho da situação financeira de uma empresa, considerando todos os recursos e fontes de aplicações do ativo.

2.2 CONCEITOS DE DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA

Com as diversidades de empresas que surgem diariamente, se exige maior competência na gestão das organizações. Sendo, um dos principais relatórios contábeis para fins gerenciais, a Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC) tornou-se obrigatória para as companhias abertas e de grande porte (MARION, 2012).

Isto faz com que o gerenciamento empresarial busque mecanismos aptos para acompanhar e fornecer subsídios indispensáveis para esta finalidade, podendo analisar as falhas que venha ocorrer no caixa em um determinado período, seja as sobras ou escassez, na tentativa de um equilíbrio financeiro em curto prazo. Em vista disso, administrar os recursos de uma empresa requer muito comprometimento.

A atividade mais conhecida da gestão financeira (GF) é a administração do capital de giro. Na realidade do dia a dia do administrador de recursos financeiros é quase totalmente tomado pela administração dos ativos correntes. O planejamento e a operação das entradas e saídas do caixa constituem, talvez, a parte mais representativa do trabalho da GF (CHIAVENATO, 2014, p57).

Todavia, é fundamental o aproveitamento de estratégias e ferramentas gerenciais, como a Demonstração de Fluxo de Caixa (DFC), com a finalidade de instruir e planejar os recursos disponíveis baseado nas informações das operações ocasionadas para melhor execução da gestão financeira. Dessa forma, torna-se possível a identificação de necessidades ou oportunidades futuras, no sentido de aplicações dos saldos de caixa em imobilizados áreas rentáveis ou investimentos gerando lucro para a mesma em curtíssimo prazo.

A definição de fluxo de caixa traz uma variedade de interpretações. Para Blatt (2001, p.123), “a indústria financeira e os profissionais de contabilidade têm desenvolvido numerosos métodos para descrever o fluxo de caixa”. Sendo assim, pode acarretar diversas alternativas, de acordo com o método utilizado pela a empresa. Deste modo, é relevante o estudo desse conceito sob o ponto de vista de diversos autores.

Dentre eles, encontra-se o de Zdanowicz (2014), o fluxo de caixa é o instrumento que permite controlar, organizar, coordenar e demonstrar as operações financeiras que são realizadas pela empresa, o que possibilita melhores análises e decisões quanto à aplicação dos recursos financeiros que a empresa dispõe. Isto é, o Fluxo de Caixa está prontamente ligado ao desempenho da situação financeira de uma empresa, considerando todos os recursos e fontes de aplicações do ativo.

Rios e Marion (2019, p. 309) afirmam que a Demonstração de Fluxo de Caixa – DFC “evidencia de forma dinâmica a geração de caixa – sua origem dentro de cada grupo de classificação, operacional, financiamento ou investimento -, bem como a utilização do caixa dentro dessa mesma classificação”. Sendo que o caixa engloba as contas de Caixa e Bancos, evidenciando as entradas e saídas de valores monetários no decorrer das operações que ocorrem ao longo do tempo nas organizações. O mesmo ainda acrescenta que:

A Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC) propicia ao administrador financeiro a elaboração de melhor planejamento financeiro. Por meio do planejamento financeiro, mais adequado as necessidades reais da empresa, evitando, assim, que, eventualmente, possa haver recursos monetários inativos. Por outro lado, pode evitar também que, em determinadas circunstâncias, a empresa fique desprovida de recursos para enfrentar seus compromissos ou suas despesas correntes. (RIOS E MARION, 2019, p. 311).

Dessa maneira, os autores percebem que com o Fluxo de Caixa, todo o dinheiro que entra e que sai de uma instituição propicia ao gestor saber quando se deve avançar ou recuar no mercado de investimentos financeiros.

Thiesen (2000, p.10) afirma que a DFC “permite mostrar, de forma direta ou mesmo indireta, as mudanças que tiveram reflexo no caixa, suas origens e aplicações”. Ele entende que o Fluxo de Caixa serve como um indicador de tudo o que ocorreu na instituição, bem como também permite fazer progressões futuras sabendo o que foi investido. Já Sanvicente (2013) diz que o fluxo de caixa tem como objetivo a projeção das entradas e saídas de recursos financeiros por período, tendo em vista a necessidade de captar empréstimos ou aplicar excedentes de caixa nas operações mais rentáveis para a empresa.

O fluxo de caixa pode ser também conceituado, conforme Gitman (1997), como o instrumento utilizado pelo administrador financeiro com o objetivo de apurar os somatórios de ingressos e somatórios financeiros da empresa em determinado momento, presumindo assim se haverá excedente ou escassez de caixa, em função do nível desejado de caixa pela

empresa. Para Yoshitake (1997), o fluxo de caixa é um método que apresenta os benefícios e os dispêndios ao longo do tempo. E sua gestão visa fundamentalmente manter certo nível de liquidez imediata, para fazer frente à incerteza ligada ao fluxo de recebimento e pagamento.

Assaf Neto e Silva (1997, p.38) trazem um conceito para Fluxo de Caixa, que segundo eles “é um processo pelo qual a empresa gera e aplica seus recursos de caixa determinados pelas várias atividades desenvolvidas”, na qual estas atividades da empresa dividem-se em: operacionais, de investimento e de financiamento.

Em virtude dos fatos acima mencionados, pode-se avaliar o fluxo de caixa como um instrumento de controle financeiro gerencial, da qual finalidade é a de auxiliar no processo decisório dos gestores perante a empresa, com o intuito de atingir as metas, levando em consideração à incerteza associada ao fluxo de recebimentos e pagamentos. Por fim, a DFC – Demonstração do Fluxo de Caixa – permite ao gerente financeiro, bem como a administração a elaboração de planejamento financeiro, visto que numa economia normalmente inflacionária não é aconselhável excesso de Caixa, porém o estritamente essencial para fazer frente aos seus compromissos.

Segundo Gazzoni (2003, p. 41):

Através do planejamento financeiro o gestor saberá o montante certo em que contrairá empréstimos para cobrir a falta (insuficiência) de fundos, bem como quando aplicar no mercado financeiro o excesso de dinheiro, evitando, assim a corrosão inflacionária, proporcionando maior rendimento à empresa.

Uma boa gestão do fluxo de caixa possibilita ao gestor evitar problemas na hora de pagar as contas da instituição, como no caso dos salários dos funcionários que, havendo possível atraso ou a empresa não tiver como honrar com o mesmo, o estudo do caixa ocasionara em contrair ou não empréstimos para a quitação de todas as dívidas.

Depois de serem analisados os inúmeros conceitos do Fluxo de Caixa, é importante enfatizar que ele é um instrumento de controle que auxilia na previsão, visualização e controle das movimentações financeiras de cada período. A sua grande finalidade, é permitir a identificação (especialmente prévia, mas também posterior) das sobras e faltas no caixa, possibilitando ao profissional planejar melhor suas ações futuras ou acompanhar o seu desempenho.

Para o autor Marion, uma maneira de não errar neste planejamento é:

Somente por meio do conhecimento do passado, porém, será possível fazer boa projeção do Fluxo de Caixa para o futuro (próxima semana, próximo mês, próximo trimestre etc.) a comparação do Fluxo de Caixa Projetado com o real vem indicar as variações que, quase sempre, demonstram as deficiências nas projeções. Estas variações são excelentes subsídios de novas projeções de Fluxos de Caixa (MARION, 2012, p. 76).

Para as empresas de médio e grande porte o ideal é que o período de acompanhamento do fluxo de caixa seja diário, todavia as pequenas ou os autônomos que usam desse mesmo sistema, exclusivamente, como instrumento gerencial pode ser mais flexíveis em relação aos períodos, podendo ser por semana ou a cada mês, levando em consideração sua liquidez. Segundo Rios e Marion (2019), períodos menores possibilitam maior eficiência nos investimentos e aplicação financeira dos saldos positivos, mas em compensação geram maior esforço ou custo de acompanhamento, no fenômeno conhecido como *overhead* (custos não relacionados a um determinado bem ou serviço).

À vista disso, um controle de fluxo de caixa bem elaborado e ampliado é uma grande ferramenta da gestão para lidar com situações de alto custo de crédito, taxas de juros elevadas, redução do faturamento e outros problemas financeiros que rondam as empresas. Assim, Rios e Marion (2019) enumeram alguns benefícios que um bom controle de caixa trará:

1. Avaliar se as vendas futuras serão suficientes para cobrir as obrigações futuras já identificadas.
2. Identificar as possíveis necessidades de financiamentos. Calcular os momentos ideais para reposição de estoque ou materiais de consumo, considerando os prazos de pagamento e as disponibilidades.
3. Compreender possíveis variações entre o resultado e o fluxo de caixa líquido originado das atividades operacionais.
4. Evidenciar o efeito das operações e das transações de investimento e financiamento sobre a posição financeira da empresa.
5. Ter certeza da necessidade ou não de obter um empréstimo de capital de giro.
6. Antecipar as decisões sobre como lidar com sobras ou faltas de caixa.

Dessa maneira, para fins contábeis, fiscais e societários existem modelos e métodos bem mais formais e restritivos para a elaboração do fluxo do caixa para uso como instrumento gerencial, o gestor pode adaptar da forma como melhor servir aos seus propósitos. Gazzoni (2003, p. 33) apresenta como exemplo uma planilha com valores completamente inventados de um fluxo de caixa com periodicidade semanal, e itens simplificados sendo de fácil compreensão para todos os usuários interessados nas informações contábeis, sejam eles usuários internos ou externos. Ela é bastante simples mostrando apenas as partes mais relevantes, expondo as duas primeiras semanas:

Figura 1 – Entradas e Saídas

		Dezembro			
		Semana 1		Semana 2	
		Previsto	Realizado	Previsto	Realizado
Saldo inicial		10000	11000	12420	11580
ENTRADAS	Vendas à vista	8000	7000	8000	7580
	Cheque pré	2500	2000	8000	9000
	A receber	4500	5000	6500	5000
	Outros	900	900	620	570
Total entradas		15900	14900	23120	22150
SAÍDAS	Fornecedores	1200	900	950	1050
	Água e luz	280	320	300	260
	Telefone e net	450	550	450	350
	Combustível	450	300	400	320
	Taxas bancárias	80	120	80	110
	Materiais consumo	200	280	200	120
	Compra equip.	1200	1800	250	900
	Pró-labore	4000	4000	0	1200
	Impostos e taxas	4500	4500	200	200
	Aluguel e cond.	1000	1000	0	0
	Outras despesas	120	550	120	400
Total Saídas		13480	14320	2950	4910
Saldo Operacional		2420	580	20170	17240
Saldo Final		12420	11580	32590	28820

Gazzoni (2003, p. 33)

É notável observar que para cada um dos períodos apresentam-se duas colunas: uma dos valores previstos, e a outra dos realizados. A segunda coluna, prontamente, só pode ser preenchida quando o período finalizar.

Segundo Gazzoni (2003) as linhas estão divididas em blocos, as quais sua análise corresponde à:

1. Saldo inicial: valor disponível no início do período, correspondendo ao dinheiro que está “na gaveta”, ou no bolso, somado aos saldos das contas correntes disponíveis para saque. No fluxo de caixa, não são considerados nos saldos os valores que estejam colocados em bens imobilizados, ou os que estejam em aplicações consideradas indisponíveis para saque no período, como poupanças forçadas, imóveis.
2. Bloco “Entrada”: neste aspecto constam as diversas categorias de entrada de dinheiro em caixa ao longo do período. Vendas à vista, cheques pré-datados que se tornem disponíveis ao longo do período, créditos de contas a receber, como por exemplo, depósitos de clientes referentes a transações realizadas anteriormente.
3. Total entrada: é a soma simples do bloco Entrada, corresponde basicamente ao dinheiro que entrou em caixa ao longo do período.
4. Bloco “Saída”: as diversas categorias nas quais a empresa realiza pagamentos. São contas como energia, água, telefone, manutenção de veículo, equipamentos, material de escritório, aluguel, condomínio, impostos, internet, entre outros. Um aspecto essencial deste bloco é a inclusão do pró-labore, que no caso de um fluxo de caixa

individual, corresponde ao dinheiro do empreendimento que é retirado para uso pessoal do empreendedor, como se fosse o seu salário – idealmente em parcelas fixas e periódicas, e sempre registrado.

5. Total Saídas: é a soma simples do bloco Saídas, corresponde basicamente ao dinheiro que saiu do caixa ao longo do período.
6. Saldo operacional: Correspondem ao total de entradas menos as Totais Saídas. É, portanto, o saldo de caixa referente exclusivamente ao período, sem considerar o saldo anterior que estava disponível. Pode eventualmente ser negativo – por exemplo, na data do pagamento do IPTU -, mas uma sequência de saldos operacionais negativos sucessivos é sempre um grande sinal de alerta.
7. Saldo final: É a soma do Saldo Inicial com o Saldo Operacional, considerando os respectivos sinais, caso algum seja negativo. Basicamente, é o dinheiro que restou em caixa ao final do período, e é imediatamente transcrito como o saldo inicial do período seguinte.

Contudo, Gazzoni (2003) explana que esta planilha pode ser bem mais elaborada se os gestores quiserem acrescentar funções estatísticas para identificar desvios em relação à média, pontos de máxima e de mínima, ou mesmo colunas adicionais para comparar o previsto com o realizado, ou até gráficos da evolução – tudo isso é simples aplicação dos recursos da planilha eletrônica, mas não amplia os conceitos de fluxo de caixa aqui demonstrados, embora enriqueça a análise.

De acordo com os números colocados no modelo de fluxo de caixa da planilha acima, rapidamente identificou-se algumas situações que demandariam correção: na segunda semana aconteceu uma retirada de pró-labore completamente imprevista, no valor de R\$ 1200. Quanto aos saldos iniciais de caixa, Gazzoni (2003) diz que eles são verdadeiramente astronômicos em um país de taxas de juros tão elevadas como as do Brasil: este dinheiro deveria ser aplicado, de forma a render juros, deixando disponível em caixa apenas o suficiente para realizar o giro das atividades, o que acarretaria uma pequena folga.

Organizar e manter o fluxo de caixa requer muito tempo e demanda bastante trabalho, mas o resultado é positivo.

Segundo Gazzoni (2003, p. 98):

O gestor precisa ser sistemático, e lembrar-se de alimentar as planilhas no início de cada novo período. Especialmente, todos precisam estar dispostos a manter atualizadas, com a antecedência que for possível, as colunas de valores previstos, e analisá-las sempre que necessário, para de fato poder

colher o principal fruto desta ferramenta: a possibilidade de prever com maior precisão quando haverá sobra e quando haverá falta de dinheiro em caixa.

Segundo Martins (1988), a análise antecipada também permite tomar as providências necessárias para que haja disponibilidade de caixa nas datas de vencimento de impostos, taxas, prestações, financiamentos e outros desembolsos com data certa, que incorrem em multas e juros caso atrasem. Se o mercado for sazonal, isto deve ser levado em conta nas previsões por parte do gestor, pois frequentemente os custos fixos (que ocorrem mesmo na baixa temporada) acabam sendo um grande problema para as finanças, e o faturamento da alta temporada precisa conseguir exceder.

Portanto, o bom gerenciamento do Fluxo de Caixa permitirá lucros para a empresa. Também os excessos de caixa devem ser aplicados, mas é necessário haver uma margem de segurança que permita garantir o giro da empresa e também algum imprevisto. Não é recomendável ter excesso de caixa, porém ele não deve ser imobilizado demais, ficando à mercê de qualquer cliente que deixe de pagar uma fatura.

2.3 OBJETIVOS E REQUISITOS PARA A IMPLANTAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA

O fluxo de caixa possui alguns objetivos, entretanto, seu principal é atuar no setor financeiro de forma que a empresa consiga perceber quais foram às atividades realizadas e quais podem realizar ao longo do período, financeiramente falando. Segundo Zdanowicz (2014, p. 41): “O principal objetivo do fluxo de caixa é dar uma visão das atividades desenvolvidas, bem como as operações financeiras que são realizadas diariamente, no grupo do ativo circulante, dentro das disponibilidades, e que representam o grau de liquidez da empresa.” Ainda segundo ele Zdanowicz (2014), destaca o objetivo fundamental do fluxo de caixa em projetar as entradas e saídas de recursos financeiros da empresa no período a ser analisado, com a percepção de analisar possíveis necessidades em obter empréstimos ou fazer possíveis aplicações oriundas do caixa. Considerando ainda as contribuições deste autor, verifica-se com o cenário econômico atual, “umas das preocupações dos dirigentes é sabem quando como e onde investir com competência e segurança” (p.169). Sendo assim, é de grande relevância ter a demonstração mencionada como principal relatório para tomada de decisão. Pois, assim fica esclarecida várias incertezas que venha a surgirem relação a futuros investimentos na organização.

Segundo Veiga e Mendes (2004) o fluxo de caixa é o volante financeiro da empresa e demonstra quanto, quando e como aplicar, para o longo, curto ou curtíssimo prazo, os recursos excedentes da empresa. Por isso, ele tem como um de seus objetivos “o de determinar os rumos a serem seguidos pelos gestores e pelas empresas” (p.6). Determinando assim os rumos a serem seguidos, quando estão devidamente elaborado e analisado, orienta-se o gestor e conseqüentemente a empresa a obterem altos lucros e crescimento no mercado:

[...] um dos principais objetivos do fluxo de caixa é otimizar a aplicação de recursos próprios e de terceiros nas atividades mais rentáveis pela empresa. Acresce-se que, numa conjuntura econômica, como a brasileira, nenhuma empresa pode se dar ao luxo de deixar seus recursos ociosos (ZDANOWICZ, 1986, p. 41).

Assim, mediante o que se foi exposto, todos os recursos de uma empresa devem ter seus imobilizados voltados para investimentos impedindo que os mesmos fiquem estáticos. Enfim, diversos são os objetivos apontados pela autora, e que é de extrema importância que todos eles sejam alcançados por meio do fluxo de caixa.

Quanto aos requisitos para a implantação do Fluxo de Caixa, pode-se dizer que todos são indispensáveis para que de fato seja implantado na empresa um sistema eficiente capaz de atuar no controle das finanças. Silva e Ferreira (2007, p. 4) enumeram alguns:

1. Apoio de cúpula diretiva da empresa;
2. Organização de estrutura funcional da empresa com definição clara dos níveis de responsabilidade de cada área;
3. Integração dos diversos setores e ou departamento da empresa ao sistema do fluxo de caixa;
4. Definição do sistema de informações quanto à qualidade e aos funcionários a serem utilizados, calendários de entrega dos dados (periodicidade) e os responsáveis pela elaboração das diversas projeções;
5. Treinamento do pessoal envolvido para implantar o fluxo de caixa no caixa da empresa;
6. Criação de um manual de operações financeiras;
7. Comprometimento dos responsáveis pelas diversas áreas, no sentido de alcançar os objetivos e as metas propostos no fluxo de caixa;
8. Utilização do fluxo de caixa para avaliar com antecedência os efeitos da tomada de decisões que tenham impacto financeiro na empresa;
9. Fluxograma das atividades na empresa, ou seja, definir as atividades fins.

Dessa forma, conclui-se que o Fluxo de Caixa auxilia os gestores das empresas a reconhecer antecipadamente, qual será o saldo oriundo de suas transações. No entanto, é importante enfatizar que é necessário, além de prever e acompanhar, controlar todas as

informações, atualizando-as no processo gerencial de tomada de decisão, no momento exato, para que a empresa possa utilizar o fluxo de caixa como uma ferramenta de auxílio na busca de sua continuidade e crescimento.

2.4 VANTAGENS DA DFC

Após analisar acerca de todos os aspectos do Fluxo de Caixa, percebe-se que ele apresenta algumas vantagens, apresentado por alguns autores. Segundo Silva (2017, p. 56) um dos principais diferencial da DFC em relação a sua posterior Demonstração das Origens e Aplicação dos Recursos (DOAR), é sua linguagem de fácil interpretação e melhor análise das demonstrações por parte dos seus usuários, influenciando na tomada de decisão. Outro benefício em relação a DFC é sua objetividade em identificar apenas as variações financeiras que acontecem em curtíssimo prazo, tendo em vista a sua objetividade e precisão para as operações imediatas do ativo circulante Silva (2017).

Segundo Treuherz (1999), o maior benefício que o fluxo de caixa pode proporcionar é o planejamento, pois é através dele que alguns aspectos são observados ou previstos, por exemplo, o quanto a empresa possui de disponibilidade suficiente para cumprir seus compromissos; perceber quando for preciso recorrer a empréstimos para cobrir eventuais deficiências de fundos; identificar qual a média de recursos que a empresa necessita para os seus desembolsos imediatos; fazer análises de comparação com o intuito de verificar que valor foi gasto nos vários setores, sendo possível corrigir erros decorrentes de maus planejamentos; identificar em que investir os recursos que estejam sobrando na empresa, de forma que estes venham a gerar lucros.

Assim, verifica-se, pelo que foi exposto que as empresas não terá grandes resultados no seu funcionamento se não houver um planejamento por parte de seus representantes, em razão de que esse planejamento é necessário para que a instituição possa prever eventuais problemas em suas finanças, para que a mesma tenha continuidade e cumpra com as suas obrigações Gazzoni (2003, p. 41).

Entre outras vantagens podem-se destacar os benefícios que o CPC 03 possibilita, quando a demonstração é usada em conjunto com as demais demonstrações tem-se mais informações que podem ser avaliadas pelos os usuários para tomada de decisão “As mudanças nos ativos líquidos da entidade, sua estrutura financeira (inclusive sua liquidez e solvência) e sua capacidade para mudar os montantes e a época de ocorrência dos fluxos de caixa” tendo a capacidade de avaliar esses fluxos de caixa futuro de diferentes entidades e fazer comparações dessas na apresentação do seu desempenho operacional.

CPC 03 identifica, ainda, outro benefício as informações históricas dos fluxos de caixa que são “utilizadas como indicador do montante, época da ocorrência e grau de certeza dos fluxos de caixa futuro” maior evidenciação das transações que ocorrem no caixa da empresa, tendo como averiguar a relação entre lucratividade e fluxos de caixa líquidos e o impacto das mudanças de preços.

Contudo, ao analisar esses positivos do fluxo de caixa, pode-se concluir que a implementação desta ferramenta gerencial traz muitos benefícios para a vida financeira e econômica da empresa, possibilitando que ela esteja sempre em dia com suas obrigações, obtenha lucros através de investimentos e mantenha seus gestores e parceiros integrados e informados acerca de tudo que ocorre nos setores das empresas, se tratando de finanças.

2.5 DESVANTAGENS DA DFC

Como já fora exposto no item anterior, o Fluxo de Caixa apresenta inúmeros aspectos positivos, contudo, ainda que em quantidade bem inferior, possui alguns aspectos negativos.

Os autores Silva; Santos&Ogawa (1993) apresentam alguns, não existe consenso sobre que conceito de caixa utilizar, podendo ser caixa e bancos ou podendo incluir outros itens, como os títulos de curto prazo; apresenta menos informações que a demonstração de origens e aplicações de recursos; não elimina totalmente o efeito da inflação; o fluxo de caixa pode ser tão manipulável quanto qualquer outra informação contábil. Por fim, existe uma forte tendência de utilização do fluxo indireto, apesar desse método não ser o mais recomendado.

2.6 IMPORTÂNCIAS DA GESTÃO DO FLUXO DE CAIXA EM TEMPOS DE CRISE FINANCEIRA

O sucesso empresarial que tem na sua essência o capitalismo exige praticas apropriada para que por meio delas as empresas possam obter seus resultados desejados. “Antes da crise de 1929, os estudos de gestão financeira estavam mais voltados para captação de recursos para as empresa” (GUEDES, 2010). O contador busca passar informações confiáveis para os principais usuários interessados nessas informações, sendo eles: acionistas, empresários, fornecedores, governo e demais.

Com a atualização constante da tecnologia é notório que os empresários tiveram que se reinventar diante da crise que chegou atravessando horizontes. Assaf Neto (2008, p. 34) diz que:

[...] a partir dos anos 20 do século XX, já entendida como uma área independente de estudo, as finanças das empresas são motivadas a evoluir de maneira a atender à crescente complexidade assumida pelos negócios e operações de mercado.

O índice elevado do desemprego assola boa parte das empresas como também aos cidadãos, sejam eles a procura de emprego ou aqueles que têm seus vínculos finalizados nas organizações. Esses presenciam diariamente várias empresas líder de mercado fechando suas portas, por não conseguirem manter-se atuando no mercado enfrentando dificuldades que as leva a seu fim.

O fluxo de caixa atua em ciclos, a partir da compra do estoque a até o recebimento das vendas a prazo, ele mostra as despesas resultantes do pagamento das obrigações e a receita adquirida com as vendas. O ajuste da entrada e saída de dinheiro pode ter o resultado positivo ou negativo. (Campos 1999). Posto isto, é essencial para o funcionamento diário da empresa, sendo que esse deve ser acompanhado e atualizado diariamente. Por ser abrangente é de grande importância que se dê atenção aos ciclos sendo eles: econômico e financeiro pois esses são indispensáveis para o fluxo da entidade, controlando possíveis riscos e dando mais confiabilidades para seus clientes e fornecedores. Segundo Ciro, “a crise é oportunidade, temos potencial de crescimento, conhecimento e o povo para superar mais esse momento”. A crise não se originou no Brasil, no entanto seu impacto foi inevitável, poderia ser prevista, no entanto não se teve controle necessário, tendo como resultado várias empresas que sofreram o impacto e fecharam suas portas. Por outro lado, de cada 4 empresas 1 fecha as portas antes de completar 2 anos de existência. SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas).

Isto posto é importante explicar que a crise não é a única responsável por tantas empresas que fecharam nos últimos anos. Falta planejamento por parte de seus gestores, e quando se tem um bom planejamento precisa ter execução e comprometimento para ter bons resultados.

2.7 MÉTODOS DO FLUXO DE CAIXA

2.7.1 Método de Fluxo de Caixa Direto

O método de Fluxo de Caixa direto possibilita os recebimentos e pagamentos oriundos das atividades operacionais da empresa, identificando as movimentações financeiras por período. Assim, segundo Ferreira (2003, p. 21):

Este método projeta o disponível (caixa), em função dos orçamentos de vendas, produções, despesas operacionais (administrativas, vendas tributárias e financeiras), bem como considera os itens do ativo imobilizado, que estão contidos no orçamento de capital da empresa para o período projetado.

Ainda se pode falar nas vantagens e desvantagens do método direto. Quanto às primeiras: Cria condições favoráveis para que a classificação dos recebimentos e pagamentos siga critérios técnicos, e não fiscais. Permite que a cultura de administrar pelo caixa seja introduzida mais rapidamente nas empresas; As informações de caixa podem estar disponíveis diariamente (CAMPOS FILHO, 1999).

Já as desvantagens do método direto, Campos Filho (1999) salienta que podem ser: O custo adicional para classificar os recebimentos e pagamentos; A falta de experiência dos profissionais das áreas contábil e financeira em usar as partidas dobradas para classificar os recebimentos e pagamentos Campos Filho.

Assim, para elaborar o método direto do fluxo de caixa alguns passos devem ser seguidos. Iudícibus (1998) indica que se deve começar por apurar o recebimento das vendas ocorridas no período. Para isso, utilizam-se os balanços patrimoniais consecutivos e a demonstração do resultado do exercício. “Somando-se o valor do saldo do balanço patrimonial mais antigo da conta de clientes com as vendas registradas na DRE e diminuindo-se o saldo da conta de clientes do último balanço patrimonial, obtém-se o valor do recebimento das vendas” (IUDÍCIBUS, 1998, p. 233).

Já o autor Campos Filho (1999), diferentemente de Iudícibus (1998), aborda que não é preciso necessariamente uma técnica seguida por etapas para obtenção da demonstração do fluxo de caixa pelo método direto. Explica que as empresas dispõem de relativa abundância de informações pelo regime de competência gerada pelas melhores técnicas e tecnologia de informática, porém, “quase nenhuma informação pelo regime de caixa”. Ainda para o autor, o método direto basicamente “consiste em classificar os recebimentos e pagamentos de uma empresa utilizando as partidas dobradas” (CAMPOS FILHO, 1999, p. 29-30).

Segundo, Comitê de Pronunciamentos Contábeis CPC 03, as principais classes de pagamentos brutos e recebimentos brutos são divulgados e sua apresentação consiste na evidenciação dos recebimentos (entradas) e pagamentos (saídas) durante o período tendo assim: as entradas de recursos como fluxos positivos e as saídas dos recursos como fluxos negativos. Com esse mesmo método vale ressaltar que as principais classes mencionadas anteriormente podem ser obtidas pelo: registros contábeis da entidade ou pelo ajuste das

vendas (já para instituições financeiras, pela receita de juros, despesa de juros, encargos e seus similares) entre outros itens da demonstração do resultado.

Por fim, é importante destacar que, após estudar esses métodos, alguns autores, como Krishnan & Largay (2000), que acreditam que o método direto fornece mais informações úteis e estimula as empresas para esse método, contudo, ainda são poucas as empresas que utilizam o método direto, deixando de obter muito mais sucesso econômico-financeiro.

Abaixo segue um modelo do modelo de Fluxo de Caixa pelo método direto, retirado de Teles (1997, p. 69):

Figura 2 – DFC pelo método direto

FLUXO DE CAIXA - MÉTODO DIRETO
Entradas e saídas de caixa e equivalentes de caixa
Fluxo de caixa das atividades operacionais:
Venda de mercadorias e serviços (+)
Pagamento de fornecedores (-)
Salários e encargos sociais dos empregados (-)
Dividendos recebidos (+)
Impostos e outras despesas legais (-)
Recebimento de seguros (+)
Caixa líquido das atividades operacionais (+/-)
Fluxo de caixa das atividades de investimento:
Venda de imobilizado (+)
Aquisição de imobilizado (-)
Aquisição de outras empresas (-)
Caixa líquido das atividades de investimento (+/-)
Fluxo de caixa das atividades de financiamento:
Empréstimos líquidos tomados (+)
Pagamento de leasing (-)
Emissão de ações (+)
Caixa líquido das atividades de financiamento (+/-)
Aumento/diminuição líquido de caixa e equivalente de caixa
Caixa e equivalentes de caixa - início do ano
Caixa e equivalentes de caixa – final do ano

Fonte: (TELES, 1997, p. 69)

Em vista disso, é importante compreender que o método do Fluxo de Caixa Direto permite elaborar uma contabilidade com o máximo de capacidade informativa e clareza das informações conforme percebido no exemplo, o que implica evitar redundâncias, evitando os excessos como também possível escassez em ou possíveis investimentos que não seja de grande importância para empresa em determinado período. Teles (1997).

7.1.2 Método de Fluxo de Caixa Indireto

O método de fluxo de caixa indireto é aquele em que os recursos provenientes das atividades operacionais são demonstrados a partir do lucro líquido do exercício, ajustados pelos itens considerados nas contas de resultados que não afetam o caixa da empresa (FERREIRA, 2003). Este método exige do gestor muito conhecimento contábil.

Segundo Campos Filho (1999) este método apresenta um pequeno conflito, quando taxativamente chama a atenção das empresas que decidirem não mostrar os recebimentos e pagamentos operacionais, para que providenciem a exposição do mesmo valor do caixa líquido das atividades operacionais, ou seja, aquele que seria apurado se mostrasse os recebimentos e pagamentos operacionais, o que só seria possível com o ajuste do lucro líquido para recuperar a pureza da informação pertinente ao fluxo de caixa, que deve refletir apenas e tão somente as variações do disponível, extraindo-se os valores de recebimentos, pagamentos e provisões, passados e futuros, e ainda os valores de todos os “itens que são incluídos no lucro líquido que não afetam recebimentos e pagamentos operacionais” (p. 98).

Campos Filho (1999) ainda alerta que, para elaborar a DFC pelo método indireto, é preciso ter bastante conhecimento acerca do regime de competência, como balanço patrimonial e demonstração de resultados, e do regime de caixa, que corresponde à demonstração dos fluxos de caixa.

Abaixo segue o modelo de Fluxo de Caixa feito pelo método indireto, também retirado de Teles (1997, p. 69)

Figura 3 - DFC pelo método indireto

<p>FLUXO DE CAIXA - MÉTODO INDIRETO</p> <p>Entradas e saídas de caixa e equivalentes de caixa</p> <p>Fluxo de caixa das atividades operacionais:</p> <p>Lucro líquido</p> <p>Depreciação e amortização (+)</p>
--

Provisão para devedores duvidosos (+)
Aumento/diminuição em fornecedores (+/-)
Aumento/diminuição em contas a pagar (+/-)
Aumento/diminuição em contas a receber (+/-)
Aumento/diminuição em estoques (+/-)
Caixa líquido das atividades operacionais (+/-)
Fluxo de caixa das atividades de investimento:
Venda de imobilizado (+)
Aquisição de imobilizado (-)
Aquisição de outras empresas (-)
Caixa líquido das atividades de investimento (+/-)
Fluxo de caixa das atividades de financiamento:
Empréstimos líquidos tomados (+)
Pagamento de leasing (-)
Emissão de ações (+)
Caixa líquido das atividades de financiamento (+/-)
Aumento / diminuição líquido de caixa e equivalente de caixa
Caixa e equivalentes de caixa - início do ano
Caixa e equivalentes de caixa - final do ano

Fonte: (TELES 1997, p.69)

2.8 O FLUXO DE CAIXA NA TOMADA DE DECISÃO

O importante papel do fluxo de caixa na tomada de decisão e para a situação econômica das organizações, através dessa mencionada os gestores prevê se o seu caixa conseguirá honrar as obrigações da mesma, dando a oportunidade de ter uma preparação para solucionar possíveis problemas que vem acontecer se por ventura a empresa contrai obrigações que ultrapasse sua capacidade de pagamento. Para Campos Filho (1993) é a que auxilia no processo decisório, verificando os pagamentos e recebimentos da empresa.

Independente do porte que a empresa venha ter, o fluxo de caixa de caixa possibilita que os principais usuários das informações tenham mais segurança nas suas decisões e controle nos processos. Já para Gitman (2002) o fluxo de caixa e uma excelente ferramenta que possibilita ao administrador examinar em tal grau o passado e futuro o que propicia diariamente uma avaliação do quanto seu disponível está evoluindo.

O fluxo de caixa em sua elaboração recebe informações de vários departamentos, como também o caixa recebe impacto de diversas transações, tanto interno quanto externo. Com isso os representantes da empresa estarão mais flexíveis para possíveis modificações.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa será de cunho bibliográfico que, segundo Severino (2007, p.122) é aquela que “se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documento impressos, tal como livros artigos, teses, etc. [...] o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”. Sendo assim, o estudo será baseado em diversos autores e as pesquisas se darão tanto em livros, como em artigos científicos, teses e dissertações dos bancos de dados das melhores universidades do Brasil que sejam voltados para a área.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o levantamento da literatura acerca do tema, chegou-se a algumas conclusões. A primeira delas é que se for feito um bom gerenciamento do fluxo de caixa, será evitado alguns danos que podem prejudicar as empresas, tais como: insuficiência de caixa; cortes nos créditos; suspensão de entregas de materiais e mercadorias, fatos que podem causar uma série de discontinuidades nas operações.

Outro fator que foi observado na literatura acerca do tema é que o excesso de caixa, situação que se refere a uma reserva muito elevada, também pode ser administrado com a utilização deste mesmo ferramental. Logo, tanto deficiência quanto excesso de caixa pode ser gerido através das informações deste fluxo. Isto fez com que alguns conceitos preestabelecidos fossem quebrados, já que no início da pesquisa não se tinha essa noção.

Também foi possível observar que o fluxo de caixa tem se mostrado como uma ferramenta altamente importante no planejamento e no controle financeiro, pois é ele quem determina quais os rumos devem ser seguido pelos gestores e pelas empresas, tendo grande utilidade no processo de gestão da liquidez da empresa.

Os conceitos levantados no início indicam que: É verídico afirmar que as empresas utilizam o fluxo de caixa como uma estratégia de negócios, por sua vez as empresas que não utilizam essa ferramenta tendem a não cumprir com suas obrigações, pois não conseguem ter

controle dos recursos que entram ou saem de sua empresa. No entanto, as instituições ou pessoas que se utilizam dessa ferramenta tendem a crescer financeiramente, aumentando seu patrimônio e conseqüentemente preservará seus bens e ativos, dando continuidade a organização no mercado econômico.

Também foram descritas todas as vantagens e desvantagens do fluxo de caixa, contudo chegou-se à conclusão de que há muito mais benefícios que pontos negativos ao se fazer a sua demonstração. Outro aspecto observado é que tanto pequenas como médias e grandes empresas podem fazer uso dessa estratégia para ter mais sucesso financeiro. Assim, conclui-se que a implementação do fluxo de caixa se faz de suma importância, na medida em que, através dele os gestores podem ter um maior controle de suas empresas, e essas ficariam mais respaldadas, administrativamente e economicamente.

REFERÊNCIAS:

ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, Cesar Augusto. **Administração do capital de giro**. São Paulo: Atlas, 1997.

BRASIL. Congresso. Senado. Lei nº11. 638, de 2007. Coleção de Leis da República Federativa do Brasil, Brasília, DF 28 de dezembro de 2007; 186º da Independência e 119º da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111638.htm Acesso em: 22 de março de 2019.

CAMPOS FILHO, Ademar. **Demonstrações do fluxo de caixa**. 6. Ed. São Paulo: Atlas 1999.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão financeira: uma abordagem introdutória**. 3. ed. São Paulo: Manoel, 2014. (Biblioteca virtual: 07/04)

CPC. Comitê de Pronunciamentos Contábeis. Pronunciamento técnico CPC 03. **Demonstrações dos fluxos de caixa**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.cpc.org.br/CPC/Documentos-Emitidos/Pronunciamentos/Pronunciamento?Id=34> Acesso em: 27 de maio de 2019.

CRISE, Disponível em: <http://www.diap.org.br/index.php/noticias/agencia-diap/7924-crise-financeira-ciro-gomes-analisa-pilares-e-aponta-solucoes> Acesso em: 27 maio de 2019.

EMPRESAS: Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/1-a-cada-4-empresas-fecha-antes-de-completar-2-anos-no-mercado-segundo-sebrae/> Acesso em: 27 maio de 2019.

FERREIRA, Neide de Sousa. **A importância da gestão de fluxo de caixa no processo decisório das empresas**. Universidade Federal da Paraíba, 2003. Monografia de especialização. 34p.

GAZZONI, Elizabeth Inez. **Fluxo de caixa: ferramenta de controle financeiro para a pequena empresa Florianópolis – SC 2003**. Santa Catarina: UFC, 2003. Dissertação de mestrado. 96p.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 7. Ed. São Paulo: Harbra, 2002.

GORENDER, Jacob. **Dossiê Globalização**. Estud. Av. vol.11 no.29 São Paulo Jan./Apr. 1997: Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141997000100017> Acesso em: 21 março de 2019.

IUDICIBUS, Sergio. Teoria da Contabilidade. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2000.

IUDICIBUS, Sergio. Contabilidade Gerencial. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.

KRISHNAN, Gopal V., LARGAY III, James A. **The Predictive Ability of Direct Method Cash Flow Information**, 27 (1) & (2), January/March 2000, 0306-686X.

LOPES, Alessandro B. **teoria da contabilidade**: uma nova abordagem. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de custos**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1988.

MARION, José Carlos. **Análise das Demonstrações contábeis**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

NETO. Alexandre Assaf. **Finanças corporativas e valor**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RIOS, Ricardo Pereira, MARION, José Carlos. **Contabilidade Avançada**: de acordo com as normas brasileiras de contabilidade (NBC) e normas internacionais de contabilidade (IFRS). 1.ed. São Paulo: Atlas, 2019. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/>>, Acesso em: 14 maio 2019.

SANVICENTE, Antonio Vorazzi. **Orçamento na administração de empresas**: planejamento e controle / Antônio Zoratto Sanvicente, Celso da Costa Santos. – 2. ed.– 23. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2013. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/>>, Acesso em: 14 maio 2019.

SILVA, Alexandre Alcântara da Silva. **Estrutura análise e interpretação das demonstrações contábeis**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/>>. Acesso em: 06 abril 2019.

TELES Egberto Lucena. A demonstração do fluxo de caixa como forma de enriquecimento das demonstrações contábeis exigidas por lei. In: **Revista Brasileira de Contabilidade**. Brasília, v.26, n.105, p.64-71, jul./1997

TREUHERZ, Rolf M. **Análise Financeira por Objetivos**. 5º ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

THIESEN, João Arno de Oliveira. A demonstração do fluxo de caixa nas organizações e sua importância como instrumento na tomada de decisão. Disponível em: **Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, n.100, p.8-13, mai./2000.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Gestão financeira para cooperativas: enfoques contábil e gerencial**. São Paulo: atlas, 2014. Disponível em:

<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/>> Acesso em: 07 abril 2019.